

## APRESENTAÇÃO

### Portugal, Humanidades, Linguística e Letras

Vivemos uma longa crise das Humanidades, de “*désenchantement du monde*” anunciado desde o final da 1ª Guerra Mundial (Max Weber, 1917; Marcel Gauchet, 1985), progressivamente gerada no avanço da lógica quantificadora (*O Reino da Quantidade e Os Sinais do Tempo*, 1945) e no divórcio das “duas culturas” (C. P. Snow, *As Duas Culturas*, 1959), apesar da caminhada no sentido da inter e transdisciplinaridade (sinal disso é a polémica causada pela publicação de *Impostures Intellectuelles*, 1997, de Sokal e Jean Bricmont). Vivemos a consequente valorização da *funcionalidade*, da *produtividade material* e dos “fins lucrativos” (*Sem fins lucrativos*, 2019, de Martha Nussbaum). Na última década do séc. XX, obras como *A Terceira Cultura: muito além da Revolução Científica* (1995), de John Brockman, e *Consilience – The unity of Knowledge* (1998), Eduard D. Wilson, retomaram o ideal da unificação dos saberes.

Apesar de algum pessimismo no mundo das Humanidades, no séc. XX, ainda havia lugar para a esperança relativamente à continuidade de uma cultura humanista pautada pelos valores universais, pelo prestígio das Artes, das Letras e das Ciências, com a referência das identidades historicamente elaboradas, atenta ao bem-estar das sociedades. Essa esperança tem cedido, progressivamente, à desesperança e a um sentimento de desumanização da vida nas sociedades, caminhada impulsionada pela globalização pelas tecnologias, pela valorização da funcionalidade, do pragmatismo, da replicação industrial(izadora), pela emergência dos blocos económicos, das estruturas trans e supranacionais, pela desmaterialização e pela despersonalização dos processos e do poder, pelas crises de 2008, 2011 e, agora, a pandémica (da COVID 19), pela movimentação acelerada de pessoas e bens (académicas, profissionais, de refugiados), pelos problemas globais (esgotamento dos recursos, insegurança, terrorismo, etc.)...

Eis-nos, pois, num século em que as Humanidades estão a tornar-se cada vez mais marginais e

residuais no quotidiano das comunidades, nos programas académicos, nos planos nacionais, em que o humano é alvo de violência viralmente replicada insensibilizadora das sociedades, em que a ética foi substituída pela legalidade, a palavra pelo documento, a confiança pela suspeita, a certeza pela incerteza, os ídolos caíram dos pedestais, alguns temas e disciplinas centrais na cultura humanista passaram a ser olhados com alguma suspeita por aqueles que a observam do lado da nova *doxa*, hoje, o “politicamente correcto”: são temas ou disciplinas que favorecem a consciência das coisas, a inteligência das manipulações e das mistificações, a percepção da mudança... por isso, são perigosos! Porque, como diz Yuval Noah Harari (*Sapiens. Uma breve História da Humanidade*, 2011), são *representações* (Richard Rorty) cuja existência tem a densidade e a força da imaginação (Edgar Morin, Gaston Bachelard) e a capacidade mobilizadora e agregadora desta... *humanizadamente*.

Este número especial da revista *Metalinguagens* consagra largo espaço a esta problemática e aos seus reflexos na língua, nas artes, na letras e nas ciências, destacando temas e disciplinas que as estudam, nos iluminam e esclarecem, promovendo uma *consciência crítica* das nossas circunstâncias. Serão reflexões assinalando o que, nesses temas e disciplinas, poderá constituir-se como factor de *humanização* e *socialização*, tornando-os, quiçá por isso, alvo de *suspeita* para as instâncias do poder (do conhecimento, da política, da economia, da comunicação, etc.), onde muitos aspiram a ser modernos *Príncipes* e desejam outros *espelhos*, mágicos, sim, mas enevoados de lisonja, vassalagem ou eco.

O número abre, por isso, com uma entrevista a Miguel Real, escritor e ensaísta português que tem cartografado a lusofonia e o seu imaginário, entrelaçando a ficção e o ensaio, o caso e a lei, em busca da humanidade e do que nos constitui. Carla Sofia Luís (UBI) e Annabela Rita (UL) dialogam com ele, na sequência do ciclo de iniciativas de homenagem ao autor nos seus 40 anos de vida literária, ciclo que promoveram e que terminou, simbolicamente, na Biblioteca Eduardo Lourenço, um seu e nosso mestre na viagem pelo *labirinto da saudade* português, em particular, e humano, em geral.

A secção de “Artigos Convidados” oferece duas reflexões, enlaçando prospectiva e retrospectiva num ensaio de cartografia da humanidade: Mendo de Castro Henriques partilha connosco



“Sete notas soltas sobre sonhos e pesadelos das tecnologias contemporâneas” e Annabela Rita convoca “Rosto(s) no(s) espelho(s) do espaço e do tempo” a propósito do abraço globalizador simbolicamente realizado pela circum-navegação cujos 500 anos estão a ser comemorados.

Depois, a secção "Artigos" traz-nos um mosaico interdisciplinar, com reflexão das áreas da Linguística, da Literatura, da Filosofia e do seu Ensino. Alessandro Zyr reflecte sobre “*A Ipuriana e Além: pela volta de um humanismo monstruoso na academia*”, Divino José Pinto e Everaldo Correia de Lima Júnior falam-nos “No reino das linguagens migrantes”, Dionísio Vila Maior observa a emergência e a afirmação do Modernismo português em “A Literatura e o olhar de Clío”, compondo um díptico com um texto seguinte dedicado a “Orpheu e a revolução identitária”, Renato Epifânio, em “Entre Pensamento, Língua e Cultura”, questiona a hipótese de um “filosofia lusófona”, Maria do Carmo Mendes observa “História e Historiadores Agustina Bessa-Luís”, grande voz narrativa recentemente desaparecida, Isabel Cadete Novais evoca “O gesto criador em José Régio”, Maria de Fátima Gonçalves Lima perscruta “O Indianismo na Literatura Brasileira” e Aidil Soares Navarro assinala a estratégica relação entre “Linguagem e persuasão na formação identitária das pessoas”. Um itinerário multimodal, disciplinar, temática e perspectivamente... como a humanidade do séc. XXI.

Nas resenhas, eis-nos com outro painel composto de diversidade: António José Borges lê *Tudo o que sobe deve convergir*, de Flannery O’Connor, Isabel Ponce de Leão traz-nos *Africanidades Eletivas. Estudos de literaturas africanas de língua portuguesa*, de Maria do Carmo Mendes, e Elisângela da Rocha Steimetz convoca Florbela Espanca através da sua representação na biografia ficcionada *Bela*, de Ana Cristina Silva.

E a aventura deste número conclui-se com “Poesia para a Prosa”, em que, a propósito de um inédito, confluem ensaio, prosa e poesia ao encontro da nossa actualidade. Que ela vos seduza como nos seduziu a nós, pois toda a viagem se redimensiona com a partilha! Bom ano de 2021!

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Annabela Rita (Universidade de Lisboa)

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Isabel Ponce de Leão (Universidade Fernando Pessoa/Porto)